

O PÚBLICO E AS OBRAS DE ARTE: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA O OBSEVADOR E O FRUIDOR

RAQUEL CASANOVA DOS SANTOS WREGE¹; CAROLINE LEAL BONILHA²

¹Universidade Federal de Pelotas- raquel.wrege@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- carolinebonilha@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar obras da série "O Louvre e seus visitantes" do artista Alécio Andrade (1938- 2003) e a concepção das obras propositivas como "Tropicália" de Hélio Oiticica (1937-1980), que permite uma abordagem e questões sobre experiência estética, observação e fruição. Desse modo, para desenvolver essa discussão tomou-se como aporte teórico os escritos do artista OITICICA (1986) em "Aspiro ao Grande Labirinto", MERLEAU-PONTY (1990) em "O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas" e ECO (2005) com o livro "Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas".

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior que venho desenvolvendo em meu Trabalho de Conclusão de Curso no qual estudo sobre a experiência estética na formação de licenciatura em Artes Visuais a partir de uma visão de sujeito integrado enquanto artista, professor/mediador e fruidor. O que busco analisar aqui é um desses aspectos que abordo na ideia de uma formação integral. Desse modo, surgem questionamentos como: Qual a diferenciação entre observador e fruidor? Na arte contemporânea como tem se dado para o público a experiência estética com as obras de arte? Como é possível perceber a mudança do sujeito observador para fruidor através da arte?

2. METODOLOGIA

A metodologia usada foi pesquisa bibliográfica, tendo como referência o tema experiência estética e as relações de observador e fruidor. Para isso, serão analisadas imagens da série fotográfica em que Alécio Andrade retrata os visitantes do museu do Louvre e a concepção de arte Propositiva por meio da obra "Tropicália" de Hélio Oiticica, tendo como aporte teórico sobre o assunto os autores supracitados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fotografias de Alécio de Andrade, que esteve em visitas constantes ao museu do Louvre durante quase trinta e nove anos, mostram como os observadores se relacionam com as pinturas e esculturas do museu, além da apropriação do espaço expositivo pelo público. Suas imagens apresentam senso de humor, de certo modo nos surpreende a espontaneidade do público em relação às obras.



FIGURA 1. ANDRADE, Alécio. Da série “Louvre e seus visitantes”, fotografia, Paris, 1993. Fonte: <http://zip.net/bwrCCy>, acessado em: 17 de julho de 2015.

Em umas das fotografias da série sobre o Louvre (Figura 1), Alécio retrata um menino que surpreende por alterar completamente a lógica ocupação do espaço de um museu. Os adultos, ao adentrarem tal espaço dispõe-se a distância para não prejudicar as obras, preferencialmente frente às imagens para apreciar de um ponto de vista que permita uma percepção totalizante. O menino da imagem rompe com essas limitações do observador e, em uma ação quase performática, mostra-se “integrado” as duas pinturas. Ele inaugura assim uma forma diferente de se colocar frente ao espaço do museu, gerando em nós, observadores novas possibilidades de significação para a relação que agora ultrapassam a do observador comum.

A ação realizada pelo menino de se por tão perto das obras nos apontando para novas formas de relacionar-se com a arte, nos leva a pensar na proposta de aproximação entre arte e vida de que tanto falava Allan Kaprow (1927-2006). Essa ideia origina-se em práticas teatrais e tem vínculo com as vanguardas modernistas, no entanto, no século XX, Allan Kaprow teoriza essa concepção ao escrever: “Toda a história da arte e da estética encontra-se em estantes. Para seu pluralismo de valores, adicione a indefinição atual dos limites que dividem as artes, e da divisão entre arte e vida... Não apenas a arte se tornou vida, mas a vida se recusa a ser ela mesma.” O que o menino (Figura 1) nos faz perceber é uma forma de estar, de se posicionar, repensando o corpo do sujeito e sua relação com a arte e com o museu. Ele nos faz compreender que a arte é para ser apreciada, mas também há um momento além da observação da obra, precisamos buscar um sentido para aquilo que se observa, uma relação corpórea e que atribua significância para a própria vida. Entra desse modo, a concepção do fruidor, expressa por Oiticica (1986) ao dizer que: “A ação é pura manifestação expressiva da obra” (OITICICA, 1986, p. 70).

A ideia de fruição surge da mudança proposta por artistas que refletiam sobre novas possibilidades na arte brasileira dos anos 60 e está relacionada ao movimento denominado de Nova objetividade. A superação do cavalete e do quadro, proposta pelo grupo, gerava uma participação do público por meio de

relações sensoriais com a obra, eram proposições artísticas associadas a posicionamentos políticos que faziam ressurgir a ideia de Antiarte. A arte propositiva permitia que aquele anteriormente chamado de espectador ou observador, pudesse entrar na obra, fazer a obra a partir de sua ação, tocar, interagir, caminhar em seu interior, como é o caso de “Tropicália” em que Oiticica cria ambientes sensórios para o público relacionar-se. Já não basta a condição imóvel de observador frente à obra. Compreende-se melhor este pensamento através dos escritos de Hélio Oiticica sobre seus trabalhos. Segundo ele,

O que se propõe é uma proposição participativa do espectador no processo. O indivíduo é que apreende da obra seus significados, e isso se chama Obra Aberta. Não compete ao artista tratar modificações no campo estético como se fora este uma segunda natureza, um objeto em si, mas sim procurar, pela participação total, erguer os alicerces de uma totalidade cultural, operando transformações profundas na consciência do homem que de espectador passivo dos acontecimentos passaria a agir sobre eles usando meios que lhe coubessem: a revolta, o protesto, o trabalho construtivo para atingir essa transformação, etc. (GULLAR apud OITICICA, 1986, p. 95).

É importante salientar que tanto na concepção de um fruidor quanto de observador a experiência estética só é possível tendo como fonte a intencionalidade estética. Conceito abordado por Merleau-Ponty (1990), como sendo um estado de abertura do sujeito para outros mundos, mundos imaginários, a intencionalidade permite que o sujeito retorne a si modificado pela experiência e leva o fruidor a emergir na experiência estética para lhe captar um sentido e se reencontrar modificado. O que se percebe é que há uma diferenciação quanto às duas formas aqui trabalhadas da relação do público com a arte. O fruidor é tido como aquele que estabelece uma relação com o mundo que não se finda na observação ou “visualidade” da obra. Ao falar sobre o fruidor, Para Umberto Eco nos diz que,

Aqui, é preciso eliminar desde já a possibilidade de equívoco: evidentemente, a operação prática do intérprete enquanto “executante” (...) difere da de um intérprete enquanto fruidor (...). Contudo, para os propósitos da análise estética, cumprem encarar ambos os casos como manifestações diversas de uma mesma atitude interpretativa: cada “leitura”, “contemplação”, “gozo” de uma obra de arte representam uma forma, ainda mais calada e particular, de “execução”. A noção de processo interpretativo abrange todas essas atitudes. (...). Naturalmente poderá dar-se o caso de obras que se apresentam “abertas” ao executante (...) e serão restituídas ao público como resultado já unívoco de uma seleção definitiva; em outros casos, apesar da escolha do executante, pode permanecer a possibilidade de uma escolha subsequente a que o público é convidado. (ECO, 2005, p. 39)

O sujeito fruidor percebe a realidade, mas também a comprehende com uma constante criação de significados do mundo. A experiência estética parte da relação que permite ao fruidor também ser um criador em potencial. Mas a experiência só acontece de fato quando há intencionalidade. A experiência estética do público com a obra está determinada por contextos específicos de criação. São formas diferentes do público se relacionar com a arte, mas que são próprias a cada momento da história da arte.

1. CONCLUSÕES

Tendo em vista os autores e artistas aqui analisados, percebem-se diferentes possibilidades de pensar sobre o sujeito que se relaciona com a obra de arte, seja como observador ou como fruidor. Formas de experiência estética permeada pela intencionalidade do sujeito que passa a experimentar o processo de percepção estética. É relevante o modo como Alécio Andrade flagrou os observadores de museu a partir de um olhar bastante aprofundado, capaz de captar através da fotografia uma visão poética e surpreendente da relação dos sujeitos com a arte. Assim, como a proposta de participação dos artistas nos anos 60 com a Nova objetividade que levam a repensar esta relação, mas tendo como foco um sujeito que participe ativamente da obra, um fruidor. Esses referenciais trazem importantes questionamentos sobre o envolvimento do público com a arte em diferentes contextos, além de reflexões sobre a experiência estética que não são oposições, mas que se complementam nesta discussão sobre o universo da apreciação artística.

2. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

DEMACHI, Rita de Cássia e Martins, Mirian Celeste. **“Ver crianças e adolescentes que vêm: reflexões a partir de imagens de visitas em exposições de arte.”**, in Revista Matéria-Prima. Vol. 2. N.4, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa & Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes, 2014.

ECO, Umberto. **Obra Aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GÖTTEMS, Camila. **Obras de arte propositivas e sensoriais: instigando a fruição e a experiência artístico- estética em situações de ensino-aprendizagem**. 2011. Monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fonte: <http://zip.net/blrCns>, acessado em: 17 de julho de 2015.

KAPROW, Allan. **“Manifesto”** (1966) in Essays on the Blurring of Art and Life, ed. Jeff Kelley, Berkeley, CA: Universidade da Califórnia, 2003.

LADDAGA, Reinaldo. **Estética da emergência: a formação de outra cultura das artes**, tradução Magda Lopes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MERLEAU-PONTY. **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas (SP): Papirus Editora, 1990.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.